

**“MOCHILAGEM”: PORQUE AS FRONTEIRAS NÃO TÊM LIMITES ÀQUELES
QUE ULTRAPASSAM O SEU LIMIAR**

“BACKPACKING”: BECAUSE THE BORDERS DO NOT HAVE LIMITS TO THOSE
THAT EXCEED THEIR THRESHOLD

"MOCHILAGEM": PORQUE LAS FRONTERAS NO TIENEN LÍMITES A LOS QUE
EXCEDEN SU UMBRAL

Regerson Franklin dos Santos¹

Adenilso dos Santos Assunção²

Resumo: O presente artigo realiza uma reflexão acerca da conceituação do ato de “mochilar” em consonância com termos paralelos e complementares; também busca apresentar as características da “mochilagem”, uma nova forma de se fazer turismo na contemporaneidade, um viajar particular e complexo, pois se desenvolve através de relações contestatórias ao mundo atual (efêmero e fluído). “Mochilar”, então, significa relacionar-se pelos territórios viajados como local e suas diversas possibilidades de “penetração”, transgredindo inúmeras fronteiras (cultural, imaterial, material, social...). Incide em se ter nas características de cada território, uma possibilidade ampla de conversação e diálogos com os nativos e seus costumes, tradições e arranjos locais, visando a interação *vis-a-vis*, e as experiências que somente ela proporciona. O texto, construído a partir de exposições teóricas e revisão de literatura, possibilitou a percepção de múltiplas faces nas quais o turismo pode acontecer, inclusive o pautado na alteridade e na convivência inclusiva. A metodologia qualitativa foi utilizada com ênfase na relação entre sujeito e objeto, compreendendo o campo das ciências humanas e sociais. Essa experiência de analisar as fronteiras surreais, flexíveis e invisíveis, é essencial enquanto possibilidade de entendimento de complementaridade entre as culturas, desmitificando as fronteiras legais e evidenciando outras, aquelas que não estão nos planejamentos governamentais. Serviu-nos, para evidenciar uma forma alternativa de se fazer turismo ainda embrionária no sistema capitalista, que transforma em mercadoria inclusive o ócio. Também apresenta um roteiro para se “mochilar”, provocando o leitor a se adentrar nesse território, que tem suas fronteiras passíveis de serem penetradas.

Palavras-chave: Turismo; Mochileiro; Mochilagem; Fronteiras; Geografia.

Abstract: This article reflects on the conceptualization of the act of “backpacking” in consonance with parallel and complementary terms; it also seeks to present the characteristics of “backpacking”, a new way of doing tourism in contemporary times, a particular and complex journey, as it develops through contesting relations to the current world (ephemeral

¹ Doutorando em Geografia pela Universidade Federal da Grande Dourados - UFGD. Dourados/MS. Email: regersonfranklin@yahoo.com.br. Lattes iD: <http://lattes.cnpq.br/9558589612174699>. Orcid iD: <https://orcid.org/0000-0001-9783-990X>.

² Mestrando em Geografia pela Universidade Federal da Grande Dourados - UFGD. Dourados/MS. Email: adeassuncao@gmail.com. Lattes iD: <http://lattes.cnpq.br/7181812511055102>. Orcid iD: <https://orcid.org/0000-0001-7421-793X>.

and fluid). “Backpacking”, then, means relating to the territories traveled, with the place and its various possibilities of “penetration”, transgressing countless boundaries (cultural, immaterial, material, social ...). It focuses on having in the characteristics of each territory, a wide possibility of conversation and dialogues with the natives and their customs, traditions, and local arrangements, aiming at interaction *vis-à-vis*, and the experiences that only it provides. The text, built on theoretical presentations and literature review, allowed the perception of multiple faces to which tourism can happen, including that based on alterity and inclusive coexistence. The qualitative methodology was used with emphasis on the relationship between subject and object, comprising the field of human and social sciences. This experience of analyzing the surreal, flexible and invisible borders is essential as a possibility of understanding complementarily between cultures, demystifying legal boundaries and evidencing others, those that are not in government planning. It served us to highlight an alternative way of doing tourism still embryonic in the capitalist system, which transforms into merchandise including idleness. It also presents a script to “backpacking”, provoking the reader to enter this territory, which has its borders that can be penetrated.

Keywords: Tourism; Backpacker; Backpacking; Borders; Geography.

Resumen: Este artículo reflexiona sobre la conceptualización del acto de "mochilero" en línea con términos paralelos y complementarios; También busca presentar las características del "mochilero", una nueva forma de hacer turismo en la época contemporánea, un viaje privado y complejo, a medida que se desarrolla a través de relaciones conflictivas con el mundo actual (efímero y fluido). "Mochilear", entonces, significa relacionarse con los territorios recorridos, el lugar y sus diversas posibilidades de "penetración", traspasando numerosas fronteras (culturales, inmateriales, materiales, sociales ...). Se centra en tener en las características de cada territorio, una amplia posibilidad de conversación y diálogo con los nativos y sus costumbres, tradiciones y arreglos locales, con el objetivo de la interacción cara a cara y las experiencias que solo proporciona. El texto, construido a partir de exposiciones teóricas y revisión de literatura, permitió la percepción de múltiples caras a las que el turismo puede suceder, incluida la basada en la alteridad y la coexistencia inclusiva. La metodología cualitativa se utilizó con énfasis en la relación entre sujeto y objeto, que comprende el campo de las ciencias humanas y sociales. Esta experiencia de analizar límites surrealistas, flexibles e invisibles es esencial como un medio para comprender la complementariedad entre culturas, desmitificar los límites legales y resaltar otros que no están en la planificación gubernamental. Aun nos sirvió para destacar formas alternativas de hacer turismo, además de las desarrolladas dentro del sistema capitalista, transformándolo en una mercancía, incluido el ocio. También presenta un guión para "mochilagem", provocando que el lector ingrese a este territorio, que tiene sus límites que pueden ser penetrados.

Palabras-Clave: Turismo; Mochilero; Mochilagem; Fronteras; Geografía.

*“O encanto se foi
Mas você diz acreditar
No bem, na revolução, no amor,
No pé na estrada, no zen
Sua vida é um trem indo embora
Trens, estradas, cidades
Que a mim já não empolgam meu bem
A minha alma adocece
No Rio ou no Nepal
O meu mal nenhuma certeza
o seu mal é certeza total.
Dança Mochileira
Que eu toco a guitarra.”
(Mochileira – Geraldo ROCA)*

Introdução

O Turismo tem se expandido muito desde fins da década de 1990 (RAMOS e COSTA, 2017), adquirindo inclusive novas formas e conceitos, alcançando patamares mais avançados pelas organizações dos circuitos e estrutura receptora mais densa, chegando mesmo até as mais variadas faixas etárias (FALCÃO, 2013, 2015; 2016).

Os roteiros fogem das nuances tradicionais e rígidas que são oferecidas pelas agências de turismo. Essa nova modalidade será denominada no presente texto como “Mochilagem” ou simplesmente, viajar como “Mochileiro³”.

As aspirações desses viajantes estão em: compreender as culturas em intensa amálgama; desconstruir falsas narrativas acerca de povos distantes; buscar respostas para os conflitos nessa fase de globalização; deslocar-se no espaço e no tempo para sair da rotina capitalista a qual se é aprisionado, colocando-se no lugar do outro e; produzir um novo olhar sobre a vida (BAUMAN, 2001).

Conforme evidencia Amilhat Szary (2015, p. 414-417), as “travessias epistemológicas” são expressões das pessoas e pelas pessoas, em que as vidas atravessam e são atravessadas pelas fronteiras constantemente, na cultura, mas também, na arte e até na ausência forçada dela, seja pelas ditaduras, ou outras formas de repressão, seja pela opressão aos mais carentes e necessitados.

Desse modo, os mochileiros, são objetos e sujeitos de uma mesma construção de significados (NASCIMENTO, 2017), pois rompem as fronteiras do mundo em diversas

³ Esse termo se refere àqueles que se desvencilham de muito conforto e, portanto, fazem uso de somente uma mochila (geralmente grande e repleta de bolsos de diversos tamanhos) para viajar, ao que facilita a locomoção e agiliza o embarque/desembarque. Há toda uma concepção de vida sobre quem prefere viajar nesses moldes, sendo essas características descritas ao longo do texto. Assim, o mochilar faz desse verbo um substantivo que compreende um sujeito, o mochileiro, ao passo que a mochilagem incide no desenvolvimento das situações do cotidiano do mochileiro e suas características. Ademais, ressalta-se que os autores deste trabalho são mochileiros.

óticas: físicas, pois o ato de viajar ultrapassa os limites territoriais nacionais e internacionais (FALCÃO, 2015); pessoais, pois coloca o ser humano em rota de enfrentamento de seus próprios medos e inseguranças nos trajetos de aventura, solidão e desafios desconhecidos/(in)esperados (CIDADE, 2012).

Também é cultural pois, semelhante aos procedimentos antropológicos, esse ser mochileiro arranca de si o seu “eu” rotineiro para viver e conviver com o outro de maneira a colocar-se de forma igualitária (SILVA, 2011), no mesmo patamar dos nativos e não de forma superior.

É, ainda, linguística, uma vez que esses locais são centros de turistas - tradicionais e contemporâneos - que, formam, assim, uma verdadeira babel acerca da comunicação que ocorrerá, lenta ou não, fácil ou não, mas irá acontecer na medida em que a linguagem dos “mochileiros” é universal (FIRMO, 2015). Conforme Amilhat Szary (2015, p. 2) descreve:

Hablamos de frontera para calificar las relaciones de poder en el espacio, pero también para aludir a una forma de límite que tiene el potencial de crear vínculos, transformando-se en interface. En ambos casos, la frontera es artificial, creada por experiencia humana sobre el territorio que al trazar, define.

Portanto, as fronteiras (físicas, psicológicas, interpessoais, culturais...) e seus limites serão analisadas sob diversos vieses, evidenciando o quanto a “mochilagem” é marca de uma nova geração de viajantes.

Ressalta-se que essa temática ainda é incipiente na literatura brasileira, todavia, esse texto apresenta introdutoriamente, resquícios de uma rota de mochilagem passível de exploração por turistas e principalmente mochileiros⁴.

Observar, viver e praticar a praticidade refletida e analisada são faces deste trabalho; considerando-se que os pesquisadores pertencem a esse grupo específico de mochileiros, sendo, portanto, ora *insiders*, ora *outsiders*, a pesquisa então apresenta elementos objetivos e subjetivos⁵ que são imprescindíveis e agregam outras visões/abordagens aos assuntos tratados (SANTOS, 2010), sem esgotar essas e outras possibilidades.

Nesse sentido, Nascimento ressalva que

⁴ Esta narrativa expressa (não somente) observações realizadas durante pesquisa de campo (2018) dos cursos de mestrado e doutorado em geografia pela Universidade Federal da Grande Dourados - UFGD, ocorrido na região de fronteira, divisa entre Brasil e Paraguai, que se iniciou em Ponta Porã -MS, passando por Guaíra -PR com destino a Ciudad de Este, (via território Paraguai) com destino a Tríplice Fronteira Foz do Iguazu-Ciudad de Este-Puerto Iguazu, respectivamente Brasil, Paraguai e Argentina.

⁵ Para Goldenberg (2004, p. 53), a pesquisa qualitativa incide em dados qualitativos aos quais “consistem em descrições detalhadas de situações com o objetivo de compreender os indivíduos em seus próprios termos. (...) Não existindo regras precisas e passos a serem seguidos, o bom resultado da pesquisa depende da sensibilidade, intuição e experiência do pesquisador”

A emergência por métodos qualitativos em pesquisa fez emergir as teorias baseadas em representações sociais do conhecimento, metodologia esta que considera os intercâmbios comunicativos entre pesquisador e seu ambiente de pesquisa como fenômenos primordiais e essencialmente metodológicos no processo de pesquisa (NASCIMENTO, 2017, p. 435).

Essa ressignificação que amplia o rol metodológico que não somente o positivista, propicia às ciências humanas (MORIN, 2007; SANTOS, 2010) realmente um viés que abarca as relações ocorridas entre os pares e destes com seu campo de atuação, não podendo ser mensurado quantitativamente segundo essa ótica pois, tornar estanque, rígido e inflexível a teoria e os aspectos subjetivos incide que as metodologias fechadas “jamais serão capazes de abranger as inúmeras possibilidades de estudo em ciências humanas e sociais” (NASCIMENTO, 2017, p. 435). Destarte,

A pesquisa qualitativa não se preocupa com representatividade numérica, mas, sim, com o aprofundamento da compreensão de um grupo social, de uma organização, etc. Os pesquisadores que adotam a abordagem qualitativa opõem-se ao pressuposto que defende um modelo único de pesquisa para todas as ciências, já que as ciências sociais têm sua especificidade, o que pressupõe uma metodologia própria (SILVEIRA e CÓRDOVA, 2009, p. 31).

Especificando ainda mais acerca da pesquisa qualitativa empregada no texto, é uma metodologia que considera a relação intrínseca entre sujeito e objeto, produzindo assim a complementação que um desenvolve no outro, em que o ser pesquisador é constantemente parte do ser pesquisado, portanto parte de seu objeto. A esse respeito, Scherre aponta que

A concepção do pesquisador sobre a relação sujeito-objeto orienta a sua interação com o seu objeto de pesquisa e por consequência orienta o método de sua investigação que representa como, quando e de que forma ele interagirá, se aproximará, ou melhor, pesquisará seu objeto de estudo (SCHERRE, 2015, p. 268).

Ou seja, a observação do trajeto, interação e mediação, oportuniza interpretar caminhos possíveis para mochilagem como experiência de turismo nessa região. Essa prática permite utilizar como suporte de pesquisa a fenomenologia, onde a interpretação e experiência com o espaço mochilado são os suportes da pesquisa e o percurso fixado é caminho para o conhecimento. Por fim, a autora ressalta que a realidade “é multidimensional, estruturada em múltiplos níveis” (SCHERRE, 2015, p. 268), portanto, passível de diversas interpretações.

Também, a construção do texto não seria possível sem a leitura e análise bibliográfica como suporte para tratar das questões conceituais do trabalho de campo. As observações estão expressas no texto na definição conceitual do ato de “mochilar” e seus congêneres, primeira parte, e na segunda, apresenta-se o ciclo e o entorno dos mochileiros no que se refere ao planejamento, à escolha da hospedagem e as aventuras que se realizarão ao longo da viagem.

“Mochilagem”: conceitos, semelhanças e características

Mas, afinal, o que é um mochileiro⁶? Certamente no Brasil muitos diriam se tratar daquelas pessoas que viajam aos grandes centros de compras (nacionais e internacionais) e adquirem inúmeras mercadorias e produtos para revender em suas cidades de origem, sendo, pelo volume e quantidade de sacolas/mochilas, denominados de mochileiros. Todavia, não é esse o termo ao qual nos referimos.

Oriundo de *Backpackers*, - designação essa dada por Philip L. Pearce em 1990-, esse termo “vem sendo utilizado mundialmente para denominar o segmento de viajantes que têm um estilo independente, flexível e econômico, por longos períodos em que buscam conhecer vários destinos numa mesma viagem” (OLIVEIRA, 2007, p.1).

Ainda conforme Oliveira (2007, p. 4), esse termo é variação de outro, *Drifter*⁷ - que literalmente significa “sem destino” -, de origem européia e que compreendia jovens que saiam em busca de conhecimento, experiência e amadurecimento antes de adentrarem ao mundo do trabalho. Era, portanto, algo elitizado e assim, essa modalidade atingia poucas pessoas.

Inclusive, os períodos das viagens eram longos (cerca de meses), o que, ao nosso entendimento, não podem ser aplicados ao contexto atual dos mochileiros brasileiros, uma vez que a grande maioria deles, considerando-se a conjuntura laboral e legislativa no/do Brasil, tendo férias apenas de 30 dias corridos, não possibilita viajarem durante um período maior que esse sob penalidades jurídicas (...).

Não obstante, pode ser característica do *Backpacker* estrangeiro ficar tanto tempo fora de casa/trabalho; já no Brasil considerando-se a realidade social e econômica da maioria da população brasileira, essa regra não pode ser aplicada, pois incide em excluir milhares de pessoas desse rol.

Também entendemos que, atualmente, não se pode relacionar mochilagem somente com pessoas de alto poder aquisitivo, pelo fato de que inúmeros adeptos a esse estilo não são abastados economicamente e, em muitas situações, o planejamento e a economia dos recursos

⁶ Desse ponto em diante, não mais utilizaremos as aspas entre esse termo e seus congêneres por entendermos que adquiriram qualidade suficiente para serem tratados de maneira substantiva e com definições próprias aos auspícios do século XXI e suas novas acepções.

⁷ Os drifters são os viajantes que não planejam nada com antecedência, seguem sem rumo definido, são extremamente econômicos e correm riscos maiores. Cohen (1973 apud O'REILLY, 2006) afirma que o fenômeno drifter refere-se, às vezes, às viagens hippies dos anos 1960 e 1970 e Oliveira (2007) complementa ressaltando que os jovens viajantes começaram a explorar locais periféricos como forma de contrariar a política ocidental dominante. Os drifters entraram em declínio devido à hostilidade da Guerra Fria - entre 1947 e 1991- que transformou a rota por terra até o Sudeste Asiático (a rota preferida deles) perigosa demais. (SAWAKI, SAWAKI, HACK NETO, 2010, s/p).

começam com anos de antecedência. Ressalta-se ainda que alguns deles vivem mochilando e obtendo dinheiro trabalhando nesses locais - assim, não são turistas, mas também não são nativos, são ambos -, como mencionado por (FIRMO, 2015).

Há, no meio acadêmico, uma grande dificuldade em se definir o mochileiro devido à evolução do conceito, novas acepções agregadas na medida em que o deslocamento se torna mais global e intenso, como também, se considerando às características de cada continente/país, suas culturas e formas de viajar. Além disso, menciona-se todo o arcabouço que a infraestrutura em torno desse segmento vem tomando, com alojamentos/hospedagens afins, sites específicos que formam uma rede mundial para o ramo.

Assim, alguns autores os designam como turistas independentes, viajantes, mochileiro, vagabundos, *hippies* (FALCÃO, 2016, p. 83); outros (SAWAKI, SAWAKI, HACK NETO, 2010, s/p) subdividem essa categoria em duas: os mochileiros tradicionais, aqueles que se enquadram nos primórdios do *Backpacking* e os mochileiros contemporâneos, os mais recentes.

Exatamente nesse ponto discordamos dos autores, uma vez que apesar de viajarem por períodos menores e visitarem pontos turísticos de grande relevância e público, seu estilo, sua natureza contra-alienante e contra-hegemônica à indústria do turismo, e passional à vivência dos nativos, os colocam como mochileiros e não turistas (SILVA, 2015).

A alteridade dos mochileiros não é atributo exclusivo de pessoas ricas e/ou que possam mochilar por períodos longos; é uma escolha, um estilo! Ao condicionar que pra ser um mochileiro tem que se afastar totalmente do emprego - e do sistema -, e da vida cotidiana, coloca-se novamente um limite às fronteiras, que são flexíveis, mutantes e virtuais. Há, inclusive, pessoas que são abastadas e preferem viajar nesses moldes, pregando mesmo uma circunstância de sofrimento e aproximação da natureza primeira (CIDADE, 2012), e outras são pobres, mas, quando podem, dão preferência para o (caro) turismo tradicional, seu conforto, comodidade e segurança (FALCÃO, 2015). Tudo nos moldes industriais que o turismo de massa agrega.

A renda também não pode ser um critério ímpar para ser mochileiro. Senão novamente cairíamos no risco da inseparabilidade e da desproporcionalidade essencial do termo, da acepção. Mochilar é uma escolha; conforto, lazer, luxo e comodidade, incide em uma situação financeira e/ou muita programação.

Essa maneira mais simples e independente de viajar (PEARCE; LOCKER-MURPHY, 1995; OLIVEIRA, 2007; SAWAKI, SAWAKI e HACK NETO, 2010), caracteriza aquele que

organiza o itinerário de suas próprias viagens de forma mais econômica, flexível, longa (ou não) e fora do convencional, para se conhecer novos e vários lugares e destinos.

São características de pessoas que buscam aventura, diversão, entretenimento em grupo ou de maneira individual (FALCÃO, 2016), inserindo neste contexto, desde viajantes com baixo poder aquisitivo a pessoas de alta renda. Estes mochileiros se arriscam, em períodos determinados como férias e, habitam hospedagens compartilhadas (às vezes, mistas entre homens e mulheres).

Seus passeios turísticos, sem a obrigatoriedade do tempo determinado pelas empresas de turismo - bem como, chegar e partir, até os encontros em pontos específicos como bares, PUBs (*Publics Houses*) e praças públicas (FIRMO, 2015) -, não se encaixam como um turista tradicional.

Conforme Falcão (2015, p. 64), as principais características de um Mochileiro são:

Mais do que conforto e segurança, os mochileiros buscam aventuras e se predispõem a correr riscos (calculados). Querem entrar em contato com o diferente, mas não pagam por tal serviço, pois entendem que esse contato é inerente ao ato de “mochilar”. Eles também buscam a satisfação do desejo e da felicidade, como postulado pelas mídias, porém tendo como diferencial que essa satisfação é gerada pelo exercício da atividade que, para eles, traduz um sentido pessoal de conquista.

Essas peculiaridades os diferem substancialmente dos turistas tradicionais, também denominados convencionais ou simplesmente, turistas; aliás, os mochileiros não aceitam serem chamados por esse termo em função dessas e de outras conotações alienantes e relacionadas ao turismo de massa oferecido pela indústria turística (CIDADE, 2012).

Os aventureiros que praticam a mochilagem, concebem suas viagens com liberdade nas escolhas dos destinos e dos trajetos estabelecidos, sendo estes percursos de espaço e tempo descontínuos, algo além do deslocamento tempo/espaço linear comum ao turismo de massa.

Todo o itinerário percorrido transforma-se em experiência para a vida, onde o que vale é captar as energias, admirar a paisagem, assimilar o conhecimento produzido pela sociedade do lugar, a comunidade, produzindo uma “experiência do ser e do estar diferente de si mesmo e do outro”. (PEREZ, 2009, p. 292).

Os mochileiros buscam sempre romper com as imposições sociais, além de produzirem seus autoconhecimentos; assim, a viagem torna-se, então, uma busca do e pelo desconhecido que envolve o prazer na descoberta do espaço, do tempo e das pessoas nas instâncias sociais, culturais e/ou históricas – um verdadeiro processo de contra-alienação.

Neste sentido, o mochileiro confere ao que Ferrara (1999, p. 17) aborda distintamente o ser viajante *Backpacker* do turista convencional, no que aproxima nossas intenções da viagem do mochileiro como sendo um “o olhar que se desloca”, buscando algo que vai além do visível, mostrando-se aberto a interagir e se permitir o conhecimento do outro, perceber as diferenças e semelhanças que se estabelecem e se confrontam, representa-se assim em experiências de alteridade (AMILHAT SZARY, 2013, p. 8).

Portanto, a viagem do mochileiro não possui um olhar mercantilizado. Giddens (2002, p. 107), afirma que são “traços mais amplos das atividades portadoras de consequências que um indivíduo leva consigo na vida cotidiana e no curso de sua existência”. Mochilar, então, passa a representar uma prática de liberdade, tornar-se dono de seu próprio desejo. Não existem fronteiras fixas e intransponíveis.

Atualmente, tem aumentado de maneira exponencial a quantidade de mochileiros, ao passo que inúmeros *sites* de agências de viagens/turismo, instituições públicas e privadas apresentam informações e/ou dicas sobre como viajar pelos mais diferentes “cantos do mundo”, de forma barata e com muita aventura⁸. A Austrália se destaca nesse segmento, tendo um amplo rol que engloba infraestrutura para esse público (SAWAKI, SAWAKI e HACK NETO, 2010, s/p).

Estilo (com a tradicional mochila grande e característica), Orçamento (barato e sem tempo rígido para paradas obrigatórias e/ou tempo para visitação), Hospedagem (Albergues⁹ que se transformaram em *Hostels* – hotéis/casas simples com uma série de normatizações que os caracterizam como “bons, baratos e acolhedores”) e muita disposição, dessa forma, são os requisitos essenciais para que haja o casamento perfeito entre os mais exóticos e tradicionais lugares e aqueles que anseiam em visitá-los/conhecê-los.

Essa alternativa lúdica movimentava milhões de dólares anualmente (RAMOS e COSTA, 2017), e outros milhões de pessoas deslocam-se para conhecer ora a natureza selvagem de territórios da América Latina, Ásia e Oceania, ora para as antigas e belas arquiteturas europeias ou mesmo as megacidades dos Estados Unidos da América, China e Japão.

⁸ Eis aqui exemplo de plataforma instrutiva: Disponível em: <<https://manualdoturista.com.br/albergues/>>. Acesso em 08 nov. 2018.

⁹ Há uma listagem enorme, de variados tipos e tamanhos espalhados pelo mundo <<https://pt.albergues.com/>>, que também podem ser encontrados no Brasil. Disponível em: <<https://www.hihostels.com/pt/destinations/br/hostels>>. Acesso em 08 nov. 2018.

Como ressaltado, em linhas gerais, as fronteiras estão sendo transpostas com muita facilidade e rapidez (BAUMAN, 2001); as físicas principalmente, mas também aquelas que englobam nacionalidades, ricos e pobres, turistas e mochileiros, nativos e viajantes; há uma cultura maior que se sobrepõe ao óbvio, e essa cultura não é a estabelecida pelos países e suas normatizações, tampouco pelas agências de turismo (CLIFFORD, 2000; FOUCHER, 2009). Nesse interim, viver a experiência de mochilar significa “sentir o ponto de contato, onde as diferenças se mesclam, sobrepõem-se, misturam-se e complementam-se” (SANTOS; LEITE; VERA, 2020, p. 65).

A viagem transgride os limites em questões de segundos, fluída-líquida mesmo, parafraseando Bauman (2001), deixando as fronteiras em um caos organizado pelos fluxos. Grosso modo, nativos ou estrangeiros são quem estabelecem as linhas de atuação, os limites entre os diferentes e as diferenças. Segundo Amilhat Szary, (2013, p. 6), “La multiculturalidad promovida en/por la globalización, lejos de haber borrado las fronteras, les ha multiplicado, por una parte, y por otra, ha individualizado la experiencia de cada uno frente a la categoría siempre importante de los límites internacionales”.

Eis a globalização atuando e complexificando as relações entre pessoas, territórios e culturas (INGOLD, 2015). Destarte, o texto seguinte apresentará, de maneira sintética, os elementos principais que compreendem esse tipo de mochilagem: roteiros, hospedagens e experiências vivenciadas. Muitas vezes estarão relacionadas, pois são indissociáveis.

A história pela vivência não lógica: a independência turística do indivíduo

As fronteiras da mochilagem são flexíveis ao ponto de serem mesmo ilógicas; sai-se pra visitar um uma grande região, mas acaba permanecendo em um lugarejo por muito mais tempo que o previsto, pois, o tempo, se torna aliado, amigo e, portanto, é um companheiro em que se incide que se fique por um pouco mais de dias (FALCÃO, 2016, p. 87). Para Amilhat Szary (2013, p. 11), as fronteiras também se caracterizam como abertas e fechadas, em evidente contexto de fluxo migratório que incide sobre os territórios. Dessa forma:

Sean abiertas o cerradas, observamos que en todas las fronteras contemporáneas, formas y funciones se diversifican a medida que se van dissociando. Como lugar de control y de protección de la identidad nacional, por ejemplo, la frontera se reviste de formas reticulares con nodos discretos, obedeciendo a métricas topológicas. Las líneas convencionales que delineaban los Estados se ven reemplazados por objetos espaciales complejos. Ya no es posible decir que algunas se cierran cuando otras se abren: en cada punto de una frontera, ocurren fenómenos concomitantes y contradictorios.

Destarte, essa conjuntura é a expressão que os meios de transporte e comunicação propiciaram às pessoas que viajam, ora de “corpo, ora de “alma”, denotando a atual fase de globalização, que “embaralha” os sujeitos e as coisas, ao mesmo tempo. Não obstante, prossegue a autora, ressaltando que:

En este contexto, llegamos a una situación donde lo fronterizo se individualiza y la frontera se mueve en una herramienta portátil. Frente a estos desafíos, hemos propuesto de hablar de “frontera móvil” para calificar el hecho de que ya no es la línea que mueve a lo largo del tiempo, pero que son las funciones fronterizas que están adaptando a un mundo de flujos (AMILHAT SZARY, 2013, p. 11).

No quesito independência, tem-se também uma autonomia que muito se sobressai ao conforto propiciado pelas agências especializadas, pois cabe ao viajante, ao mochileiro, escolher aonde ir, o quanto tempo quer ficar naquele lugar, se já quiser partir também nada o impede, o transformando em senhor de seu destino e com as rédeas da aventura, conhecimento e poder em suas mãos.

Nesse contexto, escolher o local e, posteriormente, traçar um roteiro de viagem é fundamental para planejar a viagem; pesquisar locais de hospedagem e reservar, ainda que para as primeiras noites, consultar os principais pontos turísticos, seus preços (entradas), tipologias (se mais selvagem e com desgaste físico ou mais ameno, como em museus), horários, se informar sobre costumes locais, documentação exigida (importantíssimo um Seguro Saúde para se precaver imprevistos) como passaporte, Registro Geral (RG)¹⁰, carteira de vacinação atualizada, dinheiro em espécie, inclusive com ciência do câmbio e suas variações, são garantias de uma viagem com êxito.

Essas e outras informações podem facilmente ser consultadas¹¹ em sites de embaixadas ou em agências especializadas e, evitam transtornos que podem se tornar imensos como o não domínio do idioma. Não obstante, as fronteiras mudam também na questão legislativa, uma vez que dependendo do país a ser visitado, há uma série de especificidades como a necessidade de Visto/Passaporte (Estados Unidos da América, por exemplo), conhecimento acerca dos costumes e tradições locais, inclusive proibição de uso e consumo de álcool/drogas como em alguns países árabes ou países que têm a pena de morte em suas leis.

¹⁰ Ressalta-se que deve estar em perfeitas condições físicas, com foto recente; também é imprescindível cópias autenticadas e, sua presença a todo instante para fins de fiscalização policial e demais situações que venham a exigir que se comprove a identidade; por fim, cabe ressaltar que a Carteira Nacional de Habilitação – CNH, que é válida em todo território nacional, não tem validade fora do país, não sendo aceita como documento.

¹¹ Pode-se consultar, por exemplo, *Lonely Planet*, *Foot Print*, *Routard*, *Rough Guide* dentre muitos outros sites que informarão sobre diversas situações e instruirão o viajante.

Cada detalhe pensado é essencial para que a mochilagem ocorra dentro da normalidade, afinal, à simplicidade que carrega não exclui a obrigação legal que incide qualquer entrada, permanência e saída de um local estrangeiro. Assim, a fronteira põe-se como um obstáculo.

Não obstante nessas informações preliminares, o roteiro flexível e com margens para manobras, é uma variável a qualquer situação que pode ocorrer, portanto, um plano B sempre é importante para orientar nessas horas de cansaço, saída de hospedagem e/ou outras intempéries.

Isto posto, é seguir viagem e se preparar para muitas emoções. O convívio, a empatia, o preparo local e o altruísmo dos viajantes mochileiros completarão o que faltar, pois nesse tipo de turismo, uns ajudam aos outros, desde passeios e comunicação, até em resolução de conflitos (FIRMO 2015).

Agora partiremos para outra fronteira física, mas também abstrata e temerária por sua imprevisibilidade nacionalista, porém, empática pelo estilo com que os membros a constroem, que são os meios de hospedagem. Hotéis, prioritariamente, não mais são os lugares que abrigam esses mochileiros, pois, devido a aspectos como preço elevado, convivência artificializada e ausência de contato entre os seus hóspedes, acabaram por serem utilizados mais intensamente pelos turistas da indústria de massa. Variações de qualidade, modo de recebimento e sentimentalidades em forma de complementação agora ditam os locais das trincheiras do altruísmo, da alteridade e do bom grado que se encontram nos *hostels*.

Hospedagem e a nova concepção de vivência na mochilagem

Os *Hostels*¹² e similares, como *locus* regulamentar para abrigar mochileiros, seguem todo um padrão em nível internacional¹³ e nacional¹⁴ que compreendem os serviços prestados pelos antigos Albergues da Juventude. Tem como missão, conforme estipula o Art. 2 do Estatuto da *Hostelling International*:

Fomentar a educação de todos os jovens de todas as nações, especialmente os de recursos limitados, estimulando neles um maior conhecimento, afeto e cuidado com a natureza, assim como um conhecimento dos valores culturais das cidades, tanto grandes como pequenas, de todas partes do mundo, e, como meio para alcançá-lo, oferecer albergues ou outra classe de alojamento nos quais não existam distinções de

¹² “Para ser considerado um *hostel* é necessário oferecer cinco pontos básicos para os hóspedes: segurança, higiene, conforto, hospitalidade e bom preço. Mas nem sempre esses cinco itens são cumpridos a rigor. Todos os *hostels* possuem uma cozinha de uso coletivo, possibilitando que o hóspede faça suas compras e realize suas refeições com custos mais baixos” (FALCÃO, 2015, p. 68).

¹³ Veja-se <<https://www.hihostels.com/pt>>. Acesso em 08 nov. 2018.

¹⁴ Veja-se <<https://novonegocio.com.br/ideias-de-negocios/como-montar-um-hostel/>>. Acesso em 08 nov. 2018.

raça, nacionalidade, cor, religião, sexo, classe social ou opiniões políticas, para que possam assim compreender melhor os seus semelhantes, tanto em seu próprio país como no estrangeiro.¹⁵

Observa-se a amplitude de sua natureza acolhedora e diversidade de possibilidades; nele, jamais um mochileiro ficará sem abrigo no tardar de um desembarque na madrugada em que não se tenha reserva, ainda que em área de recepção, até que se encontre seguro e apto a procurar outro local, será acolhido e alojado.

Idealizado para atender estudantes secundaristas, hoje, essa rede ultrapassa esse limiar e se estende por diversas faixas de idade. Os princípios inclusivos, como exposto em sua missão, são o seu objetivo, denotando o quão esses “alojamentos” estão inseridos em um amplo processo de acolhimento.

Os Albergues ou *Hostels* são, assim, espaços de prazer, contemplação, amizade as mais diversas, e a sensação de Natureza Primitiva na medida em que o habitat é o mais próximo possível da localidade e dos nativos, em muitas situações podendo, inclusive, se hospedar junto aos moradores¹⁶. Não obstante “Resta indiscutível que as fronteiras são locais complexos, mas, extremamente ricos para se (re)conhecer” (SANTOS, LEITE, VERA, 2020, p. 82).

Essas hospedagens ainda são insuficientes para atender a demanda que não para de crescer. Nelas, também é possível vivenciar a localidade em sua forma prática, mantendo relações diretas com os nativos que o frequentam, estabelecendo diálogos e experiências reais, fontes primárias, do modo de vida cotidiano do lugar, tradições, dentre outras peculiaridades, como saídas aos pontos da cidade para prosear, beber e se divertir (FIRMO, 2015, p. 71).

Experienciar ambientes de *Hostel* se apresentam como possibilidade de diálogo, construção de amizade e troca de informações entre os seus ocupantes, bem como, seus funcionários são bem treinados para atender o público em geral.

A partir desse contexto de acolhimento o mais próximo possível dos nativos, e mantendo-se no mesmo patamar dele, surgiram outras formas de se alojar aqueles que gostam de viajar e não se importam com o luxo mas com estilo pautado na troca de experiências e reciprocidade naturalizada na alteridade, e não no lucro.

¹⁵ Disponível em: <<https://www.hihostelbrasil.com.br/pt/pages/643>>. Acesso em 08 nov. 2018.

¹⁶ Sistema que os moradores alugam quartos ociosos (geralmente suítes) de suas residências e/ou no mesmo terreno para estudantes, turistas ou viajantes, seja por um dia ou por um tempo maior. Semelhante a essa situação, tem-se o Sofá Alheio”, ou Couchsurfing, que pode ser consultado com maiores detalhes no site <<https://www.couchsurfing.com/>>. Acesso em 08 nov. 2018.

Dessa forma, surge então o *Couchsurfing*, que também se assemelha aos *hostels* na medida em que:

No CouchSurfing os participantes oferecem seus “sofás” aos viajantes da rede. Além da questão prática: você pode ficar hospedado (gratuitamente) em um desses 180 países e também oferecer o seu sofá, o projeto visa fomentar a consciência coletiva, espalhar a tolerância e o entendimento cultural. De acordo com seus organizadores não é só uma forma de encontrar alojamento gratuito por todo o mundo, mas de estabelecer ligações por todo o mundo. Bandeiras a parte, queira ou não, além das portas abertas, os participantes têm de ter mentes abertas e sem dúvida o intercâmbio cultural nessa “hospedagem” pode ir muito além das que conseguimos em hospedagens convencionais, só vai depender de você.¹⁷

Pelo exposto, a hospedagem nada convencional não é problema para aqueles que querem viajar com baixo custo financeiro e aproveitar elementos mais palpáveis que os tradicionais. Há vários tipos, espalhados por inúmeros países (SILVA, 2015).

Voltando aos *hostels*, também oferecem, como norma obrigatória para terem esse “selo”, cozinhas completas que são utilizadas pelos hóspedes/viajantes e que, em muitas ocasiões, tornam-se um banquete repleto de pratos oriundos de diversos países (ainda que muitas matérias-primas não estejam à disposição) e que, durante a sua produção, aproximam as pessoas de maneira a tornar uma festa, com ajuda mútua e bastante diversão.

Mais uma vez, as fronteiras se esfacelam mediante as ferramentas atuais de intervenção no meio físico, tradicional e rígido; o ir e vir, espaços múltiplos e coabitados por pessoas de diversas nacionalidades, idiomas os mais diferentes, se unem no estilo de viajar, na maneira de entender o próximo e se colocar diante dele, na mesma posição, em ser altruísta e altero para, se prostrar diante da mãe terra e da insignificância que somos quando comparados às questões planetárias (AMILHAT SZARY, 2013; FOUCHER, 2009).

Os sujeitos estraçalham os limites da arrogância e da prepotência dos artificializados e rompem com qualquer possibilidade de linha divisória, de limite, da posse; o marco divisório é um ponto de contato flexível como uma linha ao vento. As fronteiras então, não desaparecem, mas se tornam invisíveis (INGOLD, 2015).

Experiências com fronteiras da amizade e do conhecimento: é preciso saber viver!

Nessa parte textual mesclam-se experiências indissociáveis do sujeito pesquisador que é mochileiro e, portanto, torna-se objeto participante do estudo. Segundo Scherrer (2015, p. 280), “ao me tornar objeto da minha pesquisa, na qual investigo meu próprio processo

¹⁷ Vide: **Couchsurfing e outros sites similares.** Disponível em: <<https://www.mochileiros.com/blog/mochilando-sem-gastar-com-hospedagem>>. Acesso em 08 nov. 2018.

formativo e de investigação, continuo sendo sujeito. Mas um sujeito pesquisado, um sujeito que agora é ‘objeto’”.

Como ressaltado no início do texto, as experiências de mochilagem dos sujeitos pesquisadores em diversos países e na rota tracejada no trabalho de campo, contribuiu sobremaneira para o constructo dessa aventura conceitual. Para Goldenberg (2004, p. 19), tal análise social é ímpar, em que “os cientistas sociais, que pesquisam os significados das ações sociais de outros indivíduos e deles próprios, são sujeito e objeto de suas pesquisas”, corroborando a unicidade de cada ação.

Dessa maneira, e adentrando à temática, com o acesso à internet, torna-se muito prático realizar um planejamento ao local que se quer visitar, conhecendo os pontos turísticos, locais de hospedagem, câmbio, cultura local e rede de transporte. Assim, é possível delinear um roteiro extremamente prazeroso e prático; ademais, alguns cuidados específicos também orientam os iniciantes acerca da segurança, alimentação, costumes e itinerários do local, com mapas temáticos bem detalhados e de fácil compreensão.

Ou seja, qualquer pessoa com instruções mínimas de leitura e interpretação de mapas pode se locomover caminhando sozinho ou, em grupo de amigos/familiares para o lugar desejado. Contra-alienante ou não hegemônico, essa postura implica em independência e fuga ao artificializante, ao pragmático – inclusive em sua metodologia de investigação. Não se quer muitas fotos, mas imagens que somente o tempo poderá apagar da memória sem fronteiras.

Como esses pontos de integração são preparados para assistência ao turista, ao visitante, ao mochileiro, ainda que com falhas em muitos locais, o Inglês (como idioma universal) torna-se fundamental para a plena comunicação e convivência entre os turistas e toda a estrutura que o cerca. Se for uma mochilagem na América Latina, por exemplo, o Espanhol (ou Portunhol - mistura do Português com o Espanhol) facilita demais o diálogo.

Assim, desde atendentes, taxistas, recepcionistas e, em lugares mais avançados quanto à preparação e atendimento ao viajante, tem-se até placas de trânsito, cardápios e manual bilingue ou com mais idiomas, facilitando o deslocamento com veículo próprio e/ou alugado aos locais de consumo desejados, o lazer, a alimentação e as “baladas” que incidem em bares, casas noturnas e discotecas com músicas e bandas que ditam o ritmo, mesclando sintonias locais com sucessos internacionais.

Cabe então, utilizar-se do termo de Sassen (1988), uma Cidade Global, ainda que estando em um pequeno lugarejo com cerca de 5 mil habitantes, nos confins da Bolívia ou na França. Há uma variedade de etnias, nacionalidades e idiomas e, suas culturas, trajes e gostos

se complementam de maneira que as barreiras se rompem, na medida em que o diálogo e a vontade de se comunicar ultrapassam as fronteiras impostas pela verbalização. A intermediação daqueles que dominam mais que um idioma contribui sobremaneira para a “roda” de conversa regada a bebidas e petiscos se desenvolver, ao passo que, em pouco tempo, haja proximidade e trocas mais íntimas de experiências.

Dessa forma, duas grandes vertentes se sobressaem quanto aos destinos selecionados: ou se referem a uma paisagem natural/primitiva e suas especificidades locais como no interior boliviano, chileno e/ou sul-mato-grossense ou; quanto aos grandes centros turísticos mundiais, suas arquiteturas, histórias e fatos marcantes da humanidade, como Europa, Ásia e EUA.

Nos diversos tipos de contemplação pode-se observar a arquitetura, a história e, vivenciar da sua historicidade que denota a grande quantidade de turistas e mochileiros, misturando-se em meio aos nativos, levando consigo o sentir, o pulsar e a magia de presenciar um local com tanta carga emotiva.

O ficar ou partir - sem a obrigatoriedade imposta pelas decisões e trâmites burocráticos das agências de turismo com seus frenéticos consumos rígidos de locais, onde o que se tem que cumprir é a visualização dos pontos dominantes - é substituído pelo bel prazer do pertencimento ao espaço-tempo, à localidade, à contemplação.

É uma fronteira à parte dentro da fronteira maior; como resultados, dão-se amizades e construção de laços que se estenderão para futuras viagens e até mesmo, em muitos casos, de hospedagens gratuitas em lares (sofás) de seus países de origem, denotando a simbiose da empatia e da troca de gentilezas entre “ele” e “eu”, que se transforma em “a gente”.

Não obstante, ao realizar essa estruturação e projeto de viagem, o mochileiro se alija do consumo superficial e fugaz dos lugares e da efemeridade que cercam aqueles que priorizam o tempo material e cinematográfico das fotos e pontos turísticos convencionais/específicos (quase que universais), para se aprofundar num outro mundo de possibilidades alternativas e lúdicas. Em muitos casos essas alternativas são mais baratas que as tradicionais; aquele barzinho/restaurante que se desvia da rota e é muito mais acolhedor e acolhedor que o delimitado pela agência (que faz parte de seu roteiro e, portanto, incide em se consumir somente naquele local ou locais específicos como centro de consumo).

Ainda que se pese a questão da segurança, delineada pelas rotas e sua estruturação e comodidade, esses lugarejos, por sua natureza específica de renda advinda de mochileiros e seu circuito produtivo, apresentam mais que o massificado, pois há vida fora da rota que,

muitas vezes, é mais vívida e atraente que o discurso pragmático já consolidado; prostrar-se com um morador local, de preferência com idade avançada, talvez seja a melhor leitura (aula de história) que se possa realizar do surgimento e transformação e atualidade do local, e isso, não se compra!

Essa relação momentânea é marcada por uma fronteira natural, artesanal, mediada pelo simples fato de estar/vivenciar e não comprando; assim, é uma fronteira não artificializada, mercantilizada. Portanto, outros encontros como esses penetram no imaginário dos mochileiros e passam a fazer parte de sua cotidianidade de viajante obter um prazer paralelo, independente e autônomo muito mais instigante e propulsor que os tradicionais (INGOLD, 2015).

Sendo assim, sair do estressante cotidiano dos grandes centros urbanos e suas correrias desmesuradas para descansar os corpos e as mentes nessas viagens e lugarejos, são meios de se experienciar a vida sob uma outra ótica; Turismo de Contemplação é o que mais compreende essa definição e, geralmente, estão associados as paisagens rurais e/ou alijadas da velocidade imposta pelo *módus operandis* capitalista de produção.

Nesse sentido, o Turismo Rural também se enquadra como uma opção ímpar de contemplação, ainda que não incida obrigatoriamente em mochilagem e seus apetrechos, propicia essa relação romântica entre a *Pachamama*¹⁸ e sua “prole”, unindo, ainda que em meros e curtíssimos fins de semana, a família com a natureza criadora. Adentrar ao mundo rural – desconhecido *in loco* de milhares de crianças (e adultos) que nunca saíram dos grandes centros urbanos – e experimentar o lúdico, o exótico, viver e experienciar como se tira o leite, andar de carroças, conhecer práticas da agricultura e pecuária são, grosso modo, o auge dessa relação, momentânea mas impactante; é o rompimento de limites para se chegar a outras fronteiras.

Se por ventura essa “viagem” ocorrer em terras indígenas de Mato Grosso do Sul ou interior de Bolívia e Peru, o rol se amplia absurdamente, compreendendo as práticas as mais diversas e plurais de etnias e seus costumes, artesanatos, representações artísticas e culturais, como as danças, cânticos e rituais tradicionais do povo Guarani *Kaiowá*, como o

¹⁸ Veja “Saiba mais sobre *Pachamama*”. Disponível em: <<https://www.iqilibrio.com/blog/espiritualidade/xamanismo/pachamama/>>. Acesso em 08 nov. 2018.

“*Jehovasa*”¹⁹, além de culinárias e arquiteturas que agregam conhecimento e sabedoria dos povos.

Portanto, os viajantes mochileiros, a partir de Krippendorf (1989, p. 77), são aqueles que “querem ter mais contato com os nativos, renunciar à maioria das infraestruturas turísticas normais, alojar-se de acordo com os hábitos locais e utilizar os meios de transporte público do país”; é, assim, um sujeito “independente” que não aceita ser manipulado quanto ao percurso que pretende explorar e acredita que vive frugalmente enquanto viaja na sua experiência concreta de conhecimento *in loco*.

Ou seja: a viagem de descanso torna-se um verdadeiro laboratório de descobertas e aquisições que não são materiais. A sensação de *Nirvana*²⁰ então é aplicável, sendo mesmo algo passível de paz e prazer, um *Bonheur*²¹. Tais emoções combinam com o diferente e as diferenças e a percepção positiva que se tem delas, envolvendo então as questões de identidade e holisticidade. E as fronteiras... se mesclam.

Essa proposição de viajar mediante outros meios de transporte, alojamentos compartilhados, fazendo o próprio roteiro, ou seja, mochilando, pode-se dizer que é uma maneira de ser independente e ao mesmo tempo liberto das amarras do sistema que tenta massificar as pessoas e coisificar os espaços, transformando situações em exterioridades “lentas”, pra utilizar o conceito de Milton Santos (1999) acerca do tempo que é oposto ao tempo “padrão”, rápido e sincronizado das grandes massas e seus modismos.

A viagem na forma de mochileiros liberta da “prisão” imposta pelos costumes, monopólios e convencionalidades, portanto, é uma escolha; onde nela, pode-se optar, tendo como referência preços, certas comodidades ou mesmo pela aventura que se quer vivenciar. Há um leque amplo e cada vez mais ímpar para desfrutar dos paraísos escondidos, cabendo apenas que sejam escolhidos, respeitados e propagados.

Considerações finais

A mochilagem é estilo ímpar de viagem que transcende as fronteiras em diversos vieses, mostrando a fugacidade das relações pessoais, culturais, sociais dentre tantas outras.

¹⁹ Ritual indígena que é realizado antes de se iniciar os estudos, como uma espécie de “benzimento” de Deus (*Ñanderu*) para que propiciem conhecimento aos estudantes, facilitando o processo de aprendizagem, e que também ocorre após o período de estudos (geralmente a tarde), para agradecer a Deus àquilo que foi aprendido. Ressalta-se que ele só poder ser conduzido por rezadores “autorizados” e aptos a esse fim.

²⁰ Pode-se consultar <<https://www.significados.com.br/nirvana/>> ou <<https://www.infopedia.pt/dicionarios/lingua-portuguesa/nirvana>>. Acesso em 08 nov. 2018.

²¹ Do Francês, que significa “alegria, felicidade”. Veja-se <<https://dicionario.reverso.net/frances-portugues/bonheur>>. Acesso em 08 nov. 2018.

Assim, o presente trabalho buscou evidenciar que os limites, linhas e fronteiras são facilmente ultrapassados, desmitificados, refeitos com as práticas de mochilagem.

Contra-alienante, voltado aos auspícios inclusivos de alteridade e independência, o mochileiro carrega consigo um rol amplo de desafios cotidianos, pessoais e mais holísticos que se desfazem com o ato da descoberta singular do “outro” e dos diferentes em suas formas vívidas e singelas, nativas.

Mais que liberdade, o mochileiro faz sua rota, refaz seus planos e direciona-se conforme sua consciência, e não mediante aos trâmites mercantilizantes que o padrão turístico de massa impõe. Ser livre, é ter as rédeas de suas fronteiras, do ir e vir, do ficar ou sair, do viver e conviver.

Com um esforço de melhorias estruturais, físicas e pessoais para o atendimento dos mochileiros, os países envolvidos aumentariam grandemente suas rendas e propiciariam às cidades um contingente contínuo e em expansão de visitas e geração de divisas aos municípios/comunidades nativas. Circuitos formais e informais estabelecidos com os viajantes supririam, assim, carências que tais localidades sozinhas não conseguiriam resolver; eis a vontade política e a confluência de objetivos como patamar de inclusão social e expansão das relações produtivas, com vistas à ampliação do conhecimento das culturas nativas não como mercadoria, mas como sentimento de identidades e sabedorias afins.

As fronteiras então são apenas obstáculos que estão presentes em nossos caminhos, cabendo rompê-las, penetrá-las, transgredi-las, vivê-las. Sejam físicas ou imateriais, ou ambas ao mesmo tempo, urge transformá-las e compreendê-las para analisá-las de uma outra forma, que não a mercadológica. Os limites, só existem na imaginação. As linhas, flexíveis; os territórios, vastos indícios de que tudo muda.

Quebrar as amarras físicas é fácil; transpor os limites legais também é uma tarefa cotidianamente realizável; mudar as fronteiras e estabelecer sonhos, é mochilar. Viver o que o outro vive, é prática característica do mochileiro; “Amigo, bienvenido à la frontera!”

Referências

AMILHAT SZARY, Anne-Laure. Artista Pasa Paredes? **Boletim Gaúcho de Geografia**, Porto Alegre – RS, v. 42, n. 2: p. 412-434, maio, 2015.

AMILHAT SZARY, Anne-Laure. Cultura de fronteras. In: NATES CRUZ, Beatriz (ed.). **"Frontera, Fronteras"**. Editado por Ucaldas, Colombia, Octubre, 2013.

BAUMAN, Zygmunt. **Modernidade Líquida**. Tradução: Plínio Dentzien. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001.

CIDADE, Eduardo. Em busca de experiências: o verdadeiro mochileiro é aquele que já passou por vários “perrengues”. **INTRATEXTOS**, Rio de Janeiro. Número Especial 03, p. 1-16, 2012.

CLIFFORD, James. Culturas Viajantes. *In*: ARANTES A. (Org.). **O espaço da diferença**. Campinas: Papirus, 2000. pp. 50-79.

FALCÃO, Denise. “Mochilar”: a arte do “eu” por uma prática de lazer. **Revista Brasileira de Estudos do Lazer**, Belo Horizonte, v. 2, n. 2, p. 59-77, mai./ago. 2015.

FALCÃO, Denise. Mochilar: sentidos sociais e pessoais em uma dinâmica de lazer. SESC – Serviço Social do Comércio. *In*: ENAREL - ENCONTRO NACIONAL DE RECREAÇÃO E LAZER, 25., 2013, Ouro Preto-MG; UFMG. **Anais** [...]. Ouro Preto-MG, 2013.

FALCÃO, Denise. Ser Mochileiro: uma construção social e pessoal do “mochilar”. **Caderno Virtual de Turismo** – Rio de Janeiro, v. 16, n. 3, p. 76-90, dez. 2016.

FERRARA, L. A. O turismo dos deslocamentos virtuais. *In*: YÁZIGI, E. (Org.). **Turismo: espaço, paisagem e cultura**. São Paulo: Hucitec, p. 15-24, 1999.

FIRMO, Fernando. San Telmo, Backparckers e outras globalizações. **CUHSO. Cultura - Hombre – Sociedad**, Chile, v. 25, n. 2, p. 63-81, dic. 2015.

FOUCHER, Michel. Introdução: a arte dos limites. *In*: FOUCHER, Michel. **Obsessão por fronteiras**. São Paulo: Radical Livros, 2009. pp. 9-27.

GIDDENS, A. **Modernidade e identidade**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed, 2002.

GOLDENBERG, Mirian. **A arte de pesquisar - Como fazer pesquisa qualitativa em Ciências Sociais**. 8. ed. Rio de Janeiro: Record, 2004.

INGOLD, Tim. Um mundo narrado. *In*: INGOLD, Tim. **Estar vivo: ensaios sobre movimento, conhecimento e descrição**. Petrópolis: Vozes, 2015, p. 211-257.

KRIPPENDORF, Jost. **Sociologia do Turismo: para uma nova compreensão do lazer e das viagens**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1989.

MORIN, Edgar. **Introdução ao Pensamento complexo**. Tradução de Eliane Lisboa. 3 ed. Porto Alegre: Sulina, 2007.

NASCIMENTO, Ana Carolina Santos do. Metodologias de Pesquisa em Ciências Humanas Sociais – Percurso Epistemológico da Pesquisa Qualitativa. *In*: CONGRESO IBERO-AMERICANO DE INVESTIGACIÓN CUALITATIVA – CIAIQ, 6., 2017, Vol. 3, Salamanca-ESP. **Anais** [...]. Salamanca-ESP: 2017.p. 431-438. Disponível em: <<http://proceedings.ciaiq.org/index.php/ciaiq2017/issue/archive>>. Acesso em 11 maio 2020.

OLIVEIRA, José Rui de. Estudo do segmento de turistas internacionais *Backpackers* no Brasil. In: SEMINÁRIO DA ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO EM TURISMO, 4., 2007, São Paulo. **Anais [...]**. São Paulo: 2007.

PEARCE, P. L.; LOCKER-MURPHY, L. Young Buldget Travelers: Backpacker in Australia. **Annals of Turism Reaserch**, v. 22, n. 4, p. 819-843, 1995.

PEREZ, L. F. Festas e viajantes nas Minas oitocentistas, segunda aproximação. **Revista de Antropologia**, São Paulo, v. 52, n. 1, p. 290-338, 2009.

RAMOS, Dina Maria; COSTA, Carlos Manuel. Turismo: tendências de evolução. **PRACS – Revista Eletrônica de Humanidades do Curso de Ciências Sociais da UNIFAP**, Macapá, v. 10, n. 1, p. 21-33, jan/jun 2017.

ROCA, Geraldo. **Mochileira**. Campo Grande - MS:Litoral Central: 1997. Disponível em: <<https://www.vagalume.com.br/geraldo-roca/mochileira.html>>. Acesso em 20 ago. 2019.

SANTOS, Boaventura de Souza. **Um discurso sobre as ciências**. 7. ed. São Paulo: Cortez, 2010.

SANTOS, Milton. **A Natureza do Espaço: espaço e tempo, razão e emoção**. 3. ed. São Paulo: Hucitec, 1999.

SANTOS, Regerson Franklin dos; LEITE, Marcio Nolasco; ERA, Beatriz. Por fronteiras dobráveis no limiar da linha entre o Brasil e o Paraguai. *Entre Lugar, Dourados, MS*, v. 10, nº 20, 2019 - ISSN 2176-9559. p. 62-84.

SASSEN, Saskia. **As Cidades na Economia Mundial**. São Paulo: Studio Nobel, 1998.

SAWAKI, Douglas Eigi; SAWAKI, Júlia F. H.; HACK NETO, Eduardo. Mochileiros: um segmento a ser explorado no Brasil. In: SEMINTUR - SEMINÁRIO DE PESQUISA EM TURISMO DO MERCOSUL: SABERES E FAZERES NO TURISMO: INTERFACES, 2010, Caxias do Sul-RS, 2010. **Anais [...]**. Caxias do Sul-RS, 2010.

SCHERRER, Paula Pereira. E quando pesquisador e pesquisado são a mesma pessoa? Reflexões epistemo-metodológicas à luz da complexidade e da transdisciplinaridade. TERCEIRO INCLUÍDO - NUPEAT–IESA–UFG, v.5, n.1, Jan./Jun., 2015, p. 263-286, Artigo 92. **Dossiê ECOTRANS D: Ecologia dos saberes e Transdisciplinaridade**.

SILVA, Igor Monteiro. Experiências em deslocamento: sentidos e práticas de viagem entre mochileiros contemporâneos. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE SOCIOLOGIA, 15., 2011, Curitiba-PR. **Anais [...]**. Curitiba-PR: Jul/2011.

SILVA, Igor Monteiro. Rasurando guias e cartões postais: notas sobre uma experiência *couschsurfing* em Fortaleza - CE. **Revista Iberoamericana de Turismo – RITUR**, Penedo-AL, v. 5, n. 1, p. 79-90, 2015.

SILVEIRA, Denise Tolfo; CÓRDOVA, Fernanda Peixoto. A Pesquisa Científica. *In*: GERHARDT, Tatiana Angel; SILVEIRA, Denise Tolfo. (Orgs.). **Métodos de Pesquisa**. 1.ed. Porto Alegre: UFRGS, 2009. p. 31-42.

Recebido em 16 de abril de 2020.
Aceito em 19 de maio de 2020.
Publicado em 19 de agosto de 2020.